

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

IV

Arlequim nas Ruínas de Lisboa

Os Doze Mandamentos

Fortunato e TV Glória

O Café Centauro

Salomé ou A Cabeça do Profeta

Para além do Caso Maddie

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Algum Teatro
Vol. IV

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1774-8

Depósito legal: 294 430/09

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA

(1992)

Comédia escrita em 1992, a convite do Teatro da Trindade / INATEL, Lisboa. Deu-se a estreia, ainda esse ano, na Sala-Estúdio do mesmo teatro, numa encenação de Carlos Cabral. Com ela coincidiu a 1.^a edição do texto, por iniciativa do Centro de Documentação e Investigação Teatral da Escola Superior de Teatro e Cinema.

A 2.^a edição surgiu em 2004 (Lisboa, Novo Imbondeiro), com o patrocínio do Instituto do Livro e das Bibliotecas.

*A Luís Cajão
e Cândida Raposeiro*

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA

Comédia de maus costumes

Personagens:

VIRGINAL SACRISTA, sacristão da Igreja de Santa Maria
Madalena a Pecadora
LIBERTINA VITALÍCIA, segunda mulher de Cornélio Beringela
CORNÉLIO BERINGELA, cavalheiro de indústria
ALCEU BERINGELA (por outro nome, ARLEQUIM), filho
de Cornélio Beringela
MARÍLIA (a quem Arlequim chama COLOMBINA)
SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, primeiro-ministro
do rei D. José I



A acção decorre em Lisboa, entre 1755 e 1759.

SUGESTÃO CENOGRÁFICA: Dado o assunto de que trata a comédia, melhor convém à sua realização a atmosfera da cena à italiana, verdadeira ou artificialmente recriada. Espaço cénico dividido em duas partes, sendo a da esquerda do espectador cerca de duas vezes maior que a outra. A primeira (interior) é uma sala. Porta à esquerda, para a rua. Porta ao fundo, com reposteiro, para outro compartimento. Ao lado, guarda-fato, com porta de dois batentes. Uma mesa, com dois bancos redondos. A segunda parte (exterior) é um quintal. Muro ao fundo e à direita. Neste lado, um portão e, logo a seguir, mais perto dos espectadores, um nicho, junto do qual há um poço, com roldana e corda. Por cima do muro, ao fundo, espreita parte de uma outra casa (a de Ma-

rília), cuja janela deita para este mesmo quintal. Também por cima do muro, junto ao portão, um ramo de árvore, sem folhas ou flores.

1

A luz surge primeiramente no quintal. E logo se manifesta o castigo infligido a uma imagem de Santo António de Lisboa, de madeira, com seu Menino Jesus, suspensa pelos pés na ponta da corda, sobre o poço.

Só depois se ilumina o interior da casa, no momento em que se afasta o reposteiro que cobre a porta do fundo. Entra primeiramente Libertina Vitalícia, abotoando a saia. Em seguida, Virginal Sacrista, abotoando o colete.

VIRGINAL — Conforme prometi a Vossa Mercê, não sairei desta casa cliente anónimo.

LIBERTINA — Acho muito bem. Para que nos conheçamos e reconheçamos mutuamente.

VIRGINAL (*tomando a casaca de veludo que deixara sobre um banco*) — O meu nome é Virginal. Virginal Sacrista.

LIBERTINA — E o meu é Libertina Vitalícia, como deve saber.

VIRGINAL (*vestindo a casaca*) — Sou sacristão da Igreja de Santa Maria Madalena a Pecadora.

LIBERTINA — Ah, querida padroeira! Que coincidência.

VIRGINAL (*tira umas moedas do bolso, que deixa sobre a mesa*) — Aqui tem o seu salário, com alguma generosidade.

LIBERTINA — Já por aqui têm passado outros de semelhante proveniência, e mesmo de maior compromisso com o officio divino.

VIRGINAL — Disso não me espanto eu. Que já tenho visto altos dignitários eclesiásticos passeando amásias e cortesãs numa carruagem dourada do Patriarcado. E sei de um ou-

tro que colecciona livros desbocadamente licenciosos e caixinhas de rapé ornamentadas de miniaturas... eventualmente chocantes, digamos assim.

(Libertina recolhe da mesa as moedas. Conta-as e metea-as no bolso.)

VIRGINAL — Lá pela minha paróquia, felizmente, as coisas sempre são um pouco mais comedidas e razoáveis.

LIBERTINA — O pároco não sai a espreitar em carruagem dourada... Isso não é para qualquer um.

VIRGINAL — O Reverendo Padre Basílio é um santo. Ele é que me encarregou de visitar umas tantas damas da qualidade de Vossa Mercê — quantas eu pudesse —, propondo a todas elas o que agora vou explicar. *(Pausa.)* Que não fiquem com o dinheiro ganho nestas artes em dia de sábado, dia consagrado à Santíssima Virgem.

LIBERTINA — E então?

VIRGINAL — Que lhe façam chegar esse dinheiro, para que ele reze muitas missas em louvor de Santa Maria Madalena e por intenção de todas as mulheres que assim trabalham... deitadas.

LIBERTINA — Pois muito agradeço o conselho que me dá. *(Vai buscar um pente e um espelho de mão e põe-se a consertar os cabelos.)* Passarei a lá ir, à sua igreja, aos domingos. Levarei o dinheiro ganho na véspera, pela salvação da minha alma.

VIRGINAL — Não receie Vossa Mercê qualquer utilização indevida do seu dinheirinho. Ali não há tais desmandos ou atrevimentos. O Reverendo Padre Basílio é um santo. Um santo com todas as letras. Veja só este caso que lhe quero contar. (Do qual sou testemunha, aliás, porque o ajudava à missa.) Fez domingo oito dias. Chegou-se o momento da consagração. E logo depois, quando se preparava para consumir a hóstia, que vê o santo homem?, negreando junto à

brancura imaculada do corpo do Senhor? Uma repelente aranha, com mais de não sei quantas patas, toda felpuda, uma tarântula talvez... Venenosa, em todo o caso, disse tenho eu a certeza. (*Pausa.*) O padre Basílio, sustentando o cálice nas mãos trémulas, empalideceu. E disse aos fiéis, decorrido um instante em que todos se perguntavam o que se estava a passar: «Caríssimos irmãos: Com a sua infinita sapiência, foi Deus servido submeter-me à mais dura prova. Na verdade, eis que me aparece agora neste cálice benedito, inexplicavelmente, uma tarântula, com todo o seu veneno, seguro passaporte para a morte certa. Que farei eu, caríssimos irmãos? Consagrada esta hóstia, terei de consumi-la, porque é o corpo do Senhor.» Então a assembleia dos fiéis ergueu a voz unânime, pedindo a Deus que salvasse o sacerdote. E este santo Basílio, santo... já na vida terrena, sentiu na prece daquela multidão o mais vivo encorajamento! Levou o cálice à boca e consumiu a hóstia consagrada!

LIBERTINA — E a tarântula também?

VIRGINAL — Pois certamente. E a verdade é que não lhe aconteceu mal de espécie alguma! O que logo foi considerado milagre insofismável, digno de figurar nos almanaques do próximo ano e nos livros de bom exemplo!

LIBERTINA — Caio das nuvens, Sr. Virginal, com tamanhos prodígios! Esse homem merece realmente o meu salário do dia de sábado.

(*Soam na porta da rua algumas pancadas. Simultaneamente, chama uma voz masculina.*)

ARLEQUIM (*fora*) — Ó da casa! Ó Sr. Cornélio Beringela!

LIBERTINA (*baixo*) — Isto quem será? Não conheço esta voz. (*Alto:*) Quem é?

ARLEQUIM — Quem é vossemecê?, isso pergunto eu.

LIBERTINA — Pois não lho digo sem que vossemecê diga o seu nome.

ARLEQUIM — Não mora aqui o Sr. Cornélio Beringela?

LIBERTINA (*hesitante*) — Mora... Mas não está. Tem agora outra residência. Provisória.

ARLEQUIM — Mas que raio de parlatório é esse? Abra-me Vossa Mercê, para que tudo se torne transparente!

LIBERTINA — Identifique-se primeiro. Não abro a porta a desconhecidos.

ARLEQUIM — Sou Arlequim!

LIBERTINA — Arlequim? Isso é nome de gente?

ARLEQUIM — O meu nome verdadeiro é Alceu!

LIBERTINA (*baixo*) — Ai.

ARLEQUIM — Sou o filho do Sr. Cornélio Beringela!

LIBERTINA (*a Virginal, baixo, numa atrapalhação*) — É o meu enteado; que não conheço. Andou aí pela estranha. (*Alto:*) Já vou abrir! É só um momento!

VIRGINAL (*baixo*) — E agora?

LIBERTINA (*baixo*) — Meta-se aí nesse guarda-fato. Leverei o importuno até ao quintal. Hei-de tossir três vezes. À terceira vez, entenda Vossa Mercê que está o caminho livre. E já poderá zarpar por aquela porta. (*E aponta a porta da rua.*)

(*Virginal Sacrista refugia-se no guarda-fato, com a maior cautela.*)

ARLEQUIM (*bate de novo*) — Então?! É para hoje ou para amanhã?!

LIBERTINA (*abrindo*) — Desculpe. É que estive a tomar um remédio. Um xarope. Para a tosse. (*Tossica, instintivamente, e logo se apoia no guarda-fato.*) Não é nada, por enquanto. Apenas um descuido.

(Entretanto surge Arlequim. É um rapaz que aparenta uns 25 anos. Veste rigorosamente como a personagem de cujo nome se apropriou: fato de triângulos verdes e roxos, limitados a branco; meia máscara, de couro escurecido, com grandes buracos, através dos quais brilham uns olhos sa-gazes, vivíssimos. Traz ao ombro um saco de pelica, cilíndrico.)

LIBERTINA *(perplexa com a aparência do enteado)* — Estrangeiros tenho eu visto... que menos espanto me causam.

ARLEQUIM — Mas eu não sou estrangeiro, minha senhora. Nasci em Lisboa! E nesta casa!

LIBERTINA — Entre, por favor.

(Ele entra e pousa o saco sobre um banco.)

LIBERTINA *(fechando a porta)* — Não era nada assim que eu o imaginava! Segundo as descrições de meu marido...

ARLEQUIM — Seu marido? Quem é seu marido?

LIBERTINA — O seu pai: Cornélio Beringela!

ARLEQUIM — Como assim? Meu pai voltou a casar?

LIBERTINA — Pois não sabia? — Ah, é verdade. Há já muito tempo que não trocavam notícias. — Casámos, sim senhor, há quase dois anos.

ARLEQUIM — E onde está ele?

LIBERTINA — Bem...

(Nisto, ouve-se um pequeno, involuntário rumor no guarda-fato.)

ARLEQUIM — Isto que é?

LIBERTINA *(encostando-se ao guarda-fato)* — Ratos, certamente. São às dúzias.

ARLEQUIM — Perguntei por meu pai.

LIBERTINA — Meu marido... meu marido está ausente. Mas venha Vossa Mercê até ao quintal, que está muito calor. (*Toma de cima da mesa um leque e dirige-se para o quintal, abanicando-se.*) Eu já lhe explico.

(*Arlequim segue-lhe os passos.*)

LIBERTINA — Aqui está-se melhor.

ARLEQUIM (*reparando na punição aplicada à imagem, sobre o poço*) — Tu fizeste alguma, Santo António!

LIBERTINA — Tem-se portado muito mal comigo. E eu, que sou e sempre fui sua devota impenitente! Punha-lhe aos pés cravos e rosas, fazia-lhe novenas... Nada. Agora está ali, de castigo.

ARLEQUIM — Mas porquê?

LIBERTINA — E aproveito para descê-lo mais um palmo, a caminho das águas.

(*Com efeito, já que a cordinha que sustenta o santo tem várias laçadas, as quais poderão alternar num grande prego cravado no muro, faz baixar a imagem um pouco mais.*)

LIBERTINA — Que lhe tenho eu pedido, afinal? Apenas isto: a libertação do meu homem.

ARLEQUIM — Libertação? Mas então... meu pai está preso?

LIBERTINA (*quase para si própria*) — Bem... a propósito de preso...

ARLEQUIM — Está preso? Responda.

LIBERTINA — Digamos que... está com residência fixa...

ARLEQUIM — No «Solar do Limoeiro», não?

LIBERTINA — É essa a prisão, na verdade. Quem pudesse... (*tosse*) com um processo muito simples como este: tossir três vezes, por exemplo... (*tosse*) e libertar assim o prisioneiro. (*Tosse.*)

(*A este passo abre-se o guarda-fato e dele se escapa, pé ante pé, Virginal Sacrista.*)

ARLEQUIM — Recurso ou expediente maravilhoso, não haja dúvida.

LIBERTINA — Ora, puras invenções da minha fantasia! — Mas diga-me Vossa Mercê: chegou alguma nau da Índia?

ARLEQUIM — Da Índia? Mas se eu venho da Itália...

LIBERTINA — Cáspite! Não me diga que não estive em Pádua...

ARLEQUIM — Mas certamente que estive em Pádua. E até me lembrei muito da minha falecida mãe, tão devota do nosso Santo António.

LIBERTINA (*prontamente*) — Não o seria mais do que eu.

ARLEQUIM (*designando com um gesto a imagem castigada*) — Como se pode ver...

LIBERTINA — Mas vamos para dentro, enteadado. (*E para lá se dirige, abanicando-se.*)

ARLEQUIM (*seguindo-a*) — Por sinal... trouxe uma relíquia. (*Pega numa tesoura que está sobre a mesa e, sem que ela o veja, corta um retalhinho no interior da bainha das calças.*)

LIBERTINA (*voltando-se para ele*) — Uma arrelíquia, diz Vossa Mercê?

ARLEQUIM (*estendendo-lhe o retalhinho*) — É do hábito de Santo António. Ofereço-lha.

LIBERTINA (*aceitando o presente*) — Mas de que ordem era ele, afinal? Vestia hábito verde?

ARLEQUIM — Digamos que esse hábito — que ainda hoje enverga o seu corpo incorrupto — verdeceu quando eu lá estive. Porque era Primavera. (*Pausa.*) Guarde Vossa Mercê essa preciosa reminiscência, de que receberá grande ajuda.

LIBERTINA — Assim seja. (*Beija a pseudo-reliquia e guarda-a no seio.*)

(*Escuro.*)

2

Manhã de sol. Iluminada, apenas a parte do quintal. Arlequim, com uma flauta indiana, junto ao poço, voltado para os espectadores. De castigo, ainda a imagem de Santo António.

ARLEQUIM (*aos espectadores*) — Concerto para flauta indiana e canto de pássaros. (*Faz vénia e senta-se na beira do poço. Começa a tocar uma maviosa melodia, pouco depois acompanhada de um aprazível chilrear de pássaros.*)

(*Marília surge ao fundo, à janela de sua casa. Escuta um instante o concerto e, depois, tira do pulso um bracelete, que deixa cair no quintal do vizinho Beringela. Arlequim suspende a melodia e olha para trás. Descobre Marília.*)

MARÍLIA — Ai, que me caiu o bracelete no quintal do vizinho.

ARLEQUIM — Não está perdido.

MARÍLIA — Ainda bem que assim é. Já fico mais descansada.

ARLEQUIM — Mais perdido estou eu, por descobrir-te a essa janela, numa casa que eu julgava desabitada.

(*Ela ri-se.*)

ARLEQUIM — Quando parti para a Índia, há cinco anos, vivia aí uma velha ferunfunfelha.

MARÍLIA — Sou eu. A sério! Adivinhando a tua próxima chegada, tomei um filtro que me tornou nesta que agora vês.

ÍNDICE

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA — 1992	7
OS DOZE MANDAMENTOS — 1993	61
FORTUNATO E TV GLÓRIA — 1995	131
O CAFÉ CENTAURO — 1996	215
SALOMÉ OU A CABEÇA DO PROFETA — 2000	277
PARA ALÉM DO CASO MADDIE — 2007	331

Vol. I

Apresenta-se o autor com as suas peças, <i>por</i> NORBERTO ÁVILA	7
AS HISTÓRIAS DE HAKIM — 1966	43
A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS — 1972 e 1978	125
AS CADEIRAS CELESTES — 1975	227
O ROSTO LEVANTADO — 1977-1978.....	311

Vol. II

VIAGEM A DAMASCO — 1980	7
DO DESENCANTO À REVOLTA — 1982	103
OS DESERDADOS DA PÁTRIA — 1988 *	163
FLORÂNIA OU A PERFEITA FELICIDADE — 1983	227
D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS — 1985.....	325

* Excepcionalmente fora de ordem, por ser esta peça a sequência da anterior.

Vol. III

MAGALONA, PRINCESA DE NÁPOLES — 1986	7
O MARIDO AUSENTE — 1988	115
AS VIAGENS DE HENRIQUE LUSITANO — 1989	171
A DONZELA DAS CINZAS — 1990	245
UMA NUVEM SOBRE A CAMA — 1990	301

Acabou de imprimir-se
em Dezembro de dois mil e nove.

Edição n.º 1016025

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br